

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Felipe de Lima Gaspar

**EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO: PERSPECTIVAS A PARTIR DA
PERCEPÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA**

**Santa Maria, RS
2019**

Felipe de Lima Gaspary

**EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO: PERSPECTIVAS A PARTIR DA
PERCEPÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Física Escolar, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Física Escolar**.

Orientadora Prof^a Dr^a Luciana Erina Palma

**Santa Maria, RS
2019**

Felipe de Lima Gaspary

**EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO: PERSPECTIVAS A PARTIR DA PERCEPÇÃO
DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Física Escolar, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Física Escolar**.

Aprovado em 16 de julho de 2019

Profª Drª Luciana Erina Palma (UFSM)
(Orientadora)

Profª Drª Leandra Costa da Costa (UFSM)

Profª Ms. Bhanca Conterato Patias (UFSM)

Santa Maria, RS
2019

Educação Física e inclusão: perspectivas a partir da percepção de alunos com deficiência

GASPARY, Felipe de Lima ¹
PALMA, Luciana Erina²

RESUMO

A inclusão de alunos com deficiência no Brasil é garantida através de leis. No entanto, este processo ainda é um grande desafio no país. O presente estudo tem como objetivo analisar a percepção de alunos com deficiência sobre as aulas de Educação Física, assim como a inclusão dos mesmos em tais aulas, buscando-se compreender suas expectativas, vontades e desapontamentos. Metodologicamente utilizou-se como instrumento para a coleta de dados a entrevista, composta por um roteiro de perguntas semiestruturadas. Participaram do estudo, cinco alunos do ensino fundamental de escolas da rede municipal de ensino de uma cidade do interior do RS que possuem deficiência física/motora ou sensorial (visual ou auditiva). Como resultados, verificou-se a participação de todos os alunos nas aulas de Educação Física. Observou-se que as brincadeiras eram as atividades de sua preferência, e nas quais participavam com mais facilidade, enquanto atividades que exigiam correr traziam mais dificuldades. Os alunos mantêm boas relações com os colegas e preferem realizar atividades com os amigos. Apenas dois estudantes realizam atividades físicas ou esportivas fora das aulas de Educação Física. A respeito do modo como gostariam que fossem as aulas, os alunos responderam que deveria haver espaços mais amplos e maior número e variedade de materiais e brincadeiras. Dessa forma, espera-se que esse estudo colabore com o processo de inclusão, e possa dar visibilidade aos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: inclusão escolar, educação física, deficiência.

¹ Prof. Ed.F. Especializando em Educação Física Escolar/CEFD/UFSM

² Prof. Doutora, Associada, Departamento de Métodos e Técnicas Desportivas/CEFD/UFSM

Physical Education and inclusion: perspectives through the perception of students with disabilities

GASPARY, Felipe de Lima
PALMA, Luciana Erina

ABSTRACT

The inclusion of students with disabilities in Brazil is guaranteed through laws. However, this process is still a great challenge in the country. This present study aims to analyze the perception of those students about physical education classes, as well as their inclusion in such classes, searching the comprehension of their expectations, wills and disappointments. Regarding methodology, interviews were used as an instrument of data collecting, composed of a script of semi-structured questions. Five students with physical/motor or sensorial (visual or hearing) disabilities, from elementary public schools in Rio Grande do Sul's countryside, took part in the study. As a result, it has been verified the participation of all students during physical education classes. It has been noted that the games were their activities of preference, in which they took part with more ease, meanwhile activities that required running brought about more difficulties. The students sustain good relationships with their classmates and would rather perform activities with their friends. Only two students performed physical or sportive activities out of the classes. Despite the way they would like the class to be, the students reported that there should be wider spaces and a bigger amount and variety of tools and games. It is hoped that this study will collaborate with the inclusion process, giving visibility to students with disabilities in Physical Education classes.

Keywords: Educational inclusion, Physical Education, Disability

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. METODOLOGIA.....	11
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES.	13
3.1 Apresentando os/as “ personagens da história”	13
3.2 Categoria A: “ Eu sempre participo”	14
3.3 Categoria B: “Eu gosto de ...”	16
3.4 Categoria C: "Eu não gosto ..."	18
3.5 Categoria D: “Como eles me tratam”	20
3.6 Categoria E: “Queria que tivesse “	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
6. ANEXO A	31

1. INTRODUÇÃO

A inclusão de pessoas com deficiências na sociedade ainda é um desafio, pois são vistas apenas suas dificuldades e esquecidas suas potencialidades. A Declaração de Salamanca, (1994, pag.04) documento elaborado na Conferência Mundial sobre Educação Especial, realizada em 1994, reafirma essa dificuldade: “[...] os problemas das pessoas portadoras³ de deficiências têm sido relegados a um segundo plano por uma sociedade que inabilita, e que tem prestado mais atenção aos impedimentos do que aos potenciais de tais pessoas”.

A Declaração de Salamanca defende a ideia de educação para todos e a escola inclusiva, quando, em seu documento, afirma:

O princípio que orienta esta Estrutura é o de que escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças deficientes e super-dotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias lingüísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos desvantajados ou marginalizados. (SALAMANCA. 1994, p.2)

Igualmente, está previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – Lei 9694/96 (LDB), e na Lei do Direito à Educação e do Dever de Educar, Lei nº 12.796/ 2013, em seu Art. 4:

III – atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino;

A Lei Brasileira de inclusão (Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015), foi criada para assegurar e promover condições de igualdade, liberdade, inclusão social e cidadania para pessoas com deficiência. No que diz respeito a educação, assegura o direito a um sistema que possibilite a inclusão, que favoreça o desenvolvimento de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais intelectuais e sociais, em toda sua vida respeitando suas características e necessidades.

³ O termo ‘pessoa portadora de deficiência’ não é mais utilizado, foi substituído por Pessoa com Deficiência e adotado pela Lei Brasileira de Inclusão.

Sassaki (1997), coloca que a escola tem papel fundamental para que aconteça uma educação inclusiva, e para tanto algumas características devem estar presentes no ambiente escolar. A inclusão de todos os alunos, independentemente da sua deficiência, significa que tais estudantes devem estar inseridos na escola e ser participativos. É importante o envolvimento de toda comunidade escolar, a participação conjunta da equipe escolar, professores e pais ou responsáveis pelos alunos, pois não se deve pensar em ações de inclusão apenas dentro da escola, mas sim que o processo inclusivo tenha reflexos na sociedade como um todo.

Outro aspecto importante para que a educação inclusiva aconteça realmente, é reconhecer a diversidade dentro da escola, onde diferentes especificidades, dificuldades e potencialidades se encontram na pluralidade do corpo discente. O currículo deve ser planejado e executado para as necessidades individuais de cada aluno. Atividades adaptadas devem ser pensadas, para que nenhum aluno seja excluído de uma atividade ou até mesmo da aula, e ainda é preciso que haja suporte para que os professores possam trabalhar e executar suas aulas. É também responsabilidade dos governantes que a escola esteja preparada para receber todos os estudantes, independentemente de suas diferenças.

Desse modo, a escola que não apresenta tais características citadas anteriormente, não está cumprindo o seu papel no processo de inclusão de seus alunos. O simples fato de uma criança estar inserida na turma e na escola não faz com que ocorra a inclusão. Roldão coloca que:

A educação inclusiva propõe escolas abertas, onde todos aprendam juntos, respeitadas as diferenças e dificuldades, pois o ato educativo centra-se na diferenciação curricular inclusiva, construída em função das particularidades dos alunos, a partir de diferentes metodologias (2005, p.32 apud SANCHES, 2003).

De acordo com Bartholo (2000, p.62), "A Educação Física tem entre suas bases, conceitos como liberdade, cidadania, participação e autonomia, buscando a construção de novos paradigmas, e tornando-se transformadora de relações de opressão".

Aguiar e Duarte (2005) colocam que a Educação Física deve ter como eixo fundamental o desenvolvimento das competências de todos os alunos, oferecendo oportunidades e condições para que possam ter acesso aos conteúdos propostos e

total participação nas aulas. Para isso, devem ser utilizadas estratégias adequadas e assim, evitar exclusões.

Nesse sentido, a Educação Física se torna muito importante dentro da escola para o processo de inclusão. Rodrigues (2005 p. 76) coloca que “[...] como disciplina curricular não pode ficar indiferente ou neutra face a este movimento de educação inclusiva. Fazendo parte integrante do currículo oferecido pela escola, esta disciplina pode-se constituir como um adjuvante ou um obstáculo”.

A Educação Física Adaptada é uma área que se preocupa com o processo da educação inclusiva. Pedrinelli e Verenguer (2013, p.04) afirmam que “[...] a Educação Física adaptada, está orientada para ações que visem a encorajar e efetivar programas de atividades para todos os cidadãos durante a vida, oferecendo assistência e apoio”.

As referidas autoras afirmam que a Educação Física adaptada está inserida dentro da Educação Física, tendo como objetivo o estudo e a intervenção profissional para pessoas que apresentam diferentes condições para pratica das atividades físicas, com o foco no desenvolvimento da cultura corporal do movimento (PEDRINELLI; VERENGUER, 2013).

Neste cenário, mesmo que nos últimos anos tenha avançado na inclusão de alunos com deficiência, a realidade das aulas de Educação Física nas escolas mostra que esse processo não acontece na sua totalidade. Ainda encontramos exemplos de alunos com alguma deficiência que não participam da Educação Física, ou estão apenas presentes nas aulas.

Este quadro pode ser explicado por dificuldades presentes nas escolas, como; falta de conhecimento e segurança por parte dos professores. Cidade (2002, p. 01) explica que: “Nem todas as escolas estão preparadas para receber o aluno portador de uma deficiência e por vários motivos, entre eles, porque os professores não se sentem preparados para atender adequadamente as necessidades daqueles alunos”.

Outro fato que dificulta a participação dos alunos é a falta de espaços adequados e com acessibilidades para o acesso das crianças. Concordamos com Palma e Wolker (2010), que ressaltam a importância da acessibilidade e da eliminação de barreiras arquitetônicas para favorecer a inclusão dos alunos com deficiência em todos os ambientes da escola, inclusive nos ambientes de prática das aulas de Educação Física.

Estudos em Educação Física Adaptada trazem novos enfoques no processo de inclusão. A preocupação em dar voz aos alunos com deficiência é um desses enfoques, pois a partir do olhar desses alunos, dificuldades no processo de inclusão são reveladas (ALVES; DUARTE, 2013).

Assim, a relevância do estudo proposto justifica-se pelo fato de que – ao mesmo tempo em que devemos dar voz aos professores, coordenadores e direção das escolas – é fundamental ouvir os alunos sobre o processo de inclusão na Educação Física.

Assim, o presente estudo tem como problemática entender como ocorre a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física, a partir da percepção dos alunos com deficiência, pois é fundamental no processo de educação inclusiva entender as expectativas, vontades e desapontamentos dos mesmos.

Sendo assim, o estudo tem como objetivo analisar a percepção de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física e a inclusão dos mesmos. Esse objetivo se desdobra nos seguintes objetivos específicos: verificar a percepção de alunos com deficiência sobre sua participação (ou não) nas aulas de Educação Física, assim como sua percepção sobre inclusão nas aulas de Educação Física e no contexto escolar; identificar as dificuldades e facilidades para a participação nas aulas de Educação Física; e identificar as atividades físicas ou esportivas realizadas nas aulas e fora da escola por estes alunos, e quais as relações existentes entre atividades extraescolares e as aulas de Educação Física.

2. METODOLOGIA

O estudo utilizou abordagem qualitativa. Minayo (2011) define tal abordagem como questões particulares, na produção do conhecimento na área das Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Este método trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

Para realizar o estudo, foram convidados alunos que possuem deficiências físicas/motoras ou sensoriais (visual e auditiva), cursando o ensino fundamental em escolas da rede municipal de uma cidade localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul. A escolha das regiões leste e centro-leste da cidade foi por conveniência, pois as mesmas estão localizadas próximo a universidade.

Como critérios de inclusão para participação no estudo, foram selecionados alunos com deficiência física/motora ou sensorial, sem comprometimento intelectual, e que participam de aulas de Educação Física, independentemente das aulas serem ministradas por professores de Educação Física ou Pedagogas.

O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi a entrevista, com um roteiro de perguntas pré-estabelecidas (ANEXO A), visando verificar: a participação nas aulas e as atividades realizadas; as preferências e desapontamentos; as facilidades e dificuldades encontradas nas aulas; a relação com os colegas; e as atividades físicas e/ou esportivas realizadas fora da escola.

Os procedimentos metodológicos seguiram as seguintes etapas: primeiro foi solicitado para Secretaria Municipal de Educação (SMED) um levantamento das escolas pertencentes às regiões leste e centro-leste. A partir desse levantamento, foi realizada uma visita às escolas, para entrega da carta de apresentação e obtenção de autorização para a realização do estudo, assim como para realização de uma investigação sobre o número de alunos com deficiência em cada escola.

Através da SMED, foi informado o total de cinco escolas nas regiões. No entanto, após as visitas, apurou-se que apenas três tinham alunos com deficiência física ou sensorial matriculados, sendo excluídas, portanto, duas escolas.

Das escolas participantes, localizavam-se, 2 na região leste e 1 à região centro-leste. Nas escolas, havia oito alunos com deficiência física/motora, dos quais três

apresentavam comprometimento intelectual, de modo que não participaram do estudo, restando o número total de cinco estudantes participantes.

Na segunda etapa, foi entregue para Direção de cada escola o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o Termo de Consentimento para Gravação de Voz e o Termo de Assentimento, a ser encaminhado aos pais/responsáveis pelo aluno para que os mesmos consentissem com a participação dos alunos no estudo.

Na terceira etapa, foram realizadas visitas nas escolas, com objetivo de aproximar entrevistados e entrevistador, visando tornar o último mais próximo dos estudantes, a fim de facilitar a entrevista. Essa aproximação foi realizada nas aulas de Educação Física e nos recreios, durante três dias junto a cada aluno.

A etapa final consistiu em agendar dia e horário para a realização das entrevistas com os alunos, as quais foram efetuadas na escola que frequentam as aulas, em uma sala separada, em um ambiente silencioso e de forma individual, com acompanhamento dos pais ou responsáveis caso assim preferissem. Após a realização das entrevistas, foram realizadas as transcrições das respostas, a categorização, a análise das informações obtidas e a discussão de resultados, conforme sugere Bardin (2011).

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, reconhecido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa sob o número de processo 2.959.218, com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 99761818.9.0000.5346.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das entrevistas realizadas com os alunos, as informações coletadas foram classificadas em categorias, construídas com base nos itens do roteiro de entrevista, sendo elas: Categoria A “Eu sempre participo”; Categoria B “Eu gosto de ...”; Categoria C “Eu não gosto de ...”; Categoria D “Como eles me tratam”; e Categoria E “Eu queria que tivesse”. Os títulos das categorias foram baseados nas respostas dos alunos. Os quadros contêm partes das falas transcritas, representando as respostas dos estudantes de forma literal.

3.1 Apresentando os/as ‘personagens da história’

Nesta subunidade são apresentados os alunos/as que participaram do estudo, a fim de conhecer um pouco mais sobre cada participante. Com objetivo de manter em sigilo suas identidades, foram utilizados pseudônimos, correspondentes a nomes de personagens de histórias infantis da Turma da Mônica, distribuídos de forma aleatória para cada aluno, seguindo apenas o gênero correspondente a cada um, conforme o Quadro 1:

Quadro 1. Apresentando os/as ‘Personagens da história’. Fonte: produzido pelo autor do trabalho.

NOME	Sexo	Idade	Ano	Deficiência	Aulas na semana
1 – Monica	F	12 anos	5º ano	Baixa visão	1 vez
2 – Cebolinha	M	15 anos	8º ano	Paralisia cerebral	1 vez
3 - Marina	F	6 anos	1º ano	Paralisia cerebral	1 vez
4 - Magali	F	6 anos	1º ano	Deficiência Física Déficit motor	1 vez
5 - Rosinha	F	7 anos	2º ano	Deficiência Física	1 vez

3.2 Categoria A: ‘Eu sempre participo’

Na primeira categoria, será discutido sobre a participação dos alunos nas aulas de Educação Física. Verificar como as aulas se desenvolvem, conteúdos e atividades que são realizadas e como os alunos percebem sua participação nas aulas foram os objetivos dos questionamentos.

Quadro 2. ‘Eu sempre participo’. Fonte: produzido pelo autor do trabalho

Perguntas	I - Quais atividades você realiza? II - Como é a sua participação?
Monica	<i>I – “Primeiro a gente faz exercício, depois a gente faz umas brincadeiras, a gente faz jogo da bandeira. Faz brincadeira e depois no final a gente joga futebol, brinca...Esportes também, vôlei e futebol”. II – “Eu gosto de participar, é bem legal...ah...eu acho um pouco difícil correr...as vezes sinto dor nas pernas”.</i>
Cebolinha	<i>I – “Quando o tempo tá bom, ela faz dois período dentro na sala e daí depois no próximo dia ela faz dois fora, ela faz o aquecimento, depois ela faz uma bandeirinha, às vezes ela faz uma bandeirinha e fala o que vai fazer, vai fazer vôlei, basquete, futebol, handebol, essas coisas assim, mas ela faz mais handebol, futebol e bandeirinha”. II – “No primeiro semestre ela disse que minha participação foi boa porque tipo é eu, tipo, e uns quatro que participam de tudo literalmente, sabe, que tipo, faz todas as atividades sabe ... Eu só, eu só não participo daquela de correr em volta da quadra só, é só essa que não participo o resto tudo eu participo”.</i>
Marina	<i>I – “A gente já brincou de ...um dia a gente já brincou de macaco pula no seu galho... De basquete, eu não gosto muito”. II – “Eu sempre participo, porque é mais bom pra minha saúde. Porque daí eu fico mais alegre quando eu tô junto com meus colegas”.</i>
Magali	<i>I – “A gente passou a bola pro outro e depois correndo a gente brincou de corda e de bola”. II – Não soube responder.</i>
Rosinha	<i>I – “Na educação física eu brinco com as outras crianças, algumas da baleia fora d’água que a gente fazia. uma.. .acho que ...a gente tem que adivinhar ...a gente fica de olho vendado daí as outras ... daí a gente tromba em alguém daí a gente tenta adivinhar quem é que é”. II – “Eu fico fazendo tudo como que nem todo mundo faz”.</i>

Os conteúdos e atividades realizadas pelos alunos correspondem a sua faixa etária. As alunas dos primeiros anos do ensino fundamental têm apenas brincadeiras e jogos durante as aulas, enquanto os alunos dos anos finais do ensino fundamental, além de jogos e brincadeiras, têm em seus conteúdos, esportes coletivos.

Essa diferença entre os conteúdos se explica pela formação dos professores, pois as alunas Marina, Magali e Rosinha têm aulas com as pedagogas, enquanto os dois alunos dos anos finais do ensino fundamental contam com professor de Educação Física em suas aulas. Acreditamos que os professores de Educação Física

apresentam um conhecimento mais amplo na área do movimento, o que permite a estruturação de conteúdos de forma mais diversificada.

Nesse contexto, o planejamento de um currículo deve atender às diversas áreas da Educação Física e diferentes especificidades de todos da turma. Diehl (2008) ressalta os benefícios dos jogos e brincadeiras, já que tais atividades desenvolvem experiências corporais, fazendo com que o aluno se conheça melhor. Além disso, aprendem a superar obstáculos, competir e cooperar com outros indivíduos. Ainda, estimula a curiosidade e a coragem, importantes ferramentas para seu desenvolvimento e crescimento como indivíduo e cidadão.

Nos esportes coletivos tradicionais, mesmo que pareça difícil e perigoso, o aluno com deficiência não deve ser excluído, pois mesmo que essa participação não seja tão efetiva, o estudante conseguirá aprender se estiver realizando as atividades, e estará vivenciando a prática. Tal prática, que para alguns pode parecer pouco, para esse aluno pode trazer a realização de movimentos novos e superação pessoal. Conforme Munster (2013, p.32.):

Por vezes alguns conteúdos convencionais podem ser pouco acessíveis às pessoas com determinados tipos de deficiências. Mesmo que não seja possível vivenciar diretamente um determinado conteúdo, sempre é possível apreender algo sobre ele.

No que diz respeito às atividades realizadas, percebemos que as alunas dos anos iniciais tiveram uma dificuldade em citar as brincadeiras que faziam nas aulas de Educação Física. Dessa forma, o trabalho do professor de Educação Física é o mediador para a participação de seus alunos, criando meios que possibilitem tal participação e motivando-os.

Diante disso, Fiorini (2008) justifica que a atuação do professor de Educação Física é de total importância para que todos os alunos, com ou sem deficiência, possam participar das atividades, sendo respeitadas as suas potencialidades e dificuldades, caracterizando assim a inclusão escolar, pois além de ensinar habilidades esportivas, ensina-se valores e normas.

O estudo de Figueiredo (2018) com alunos com deficiência mostrou uma realidade diferente, pois revelou que nem todos os estudantes participavam das aulas de Educação Física devido a fatores ambientais (atitudinais e físicos), atitudes dos

colegas, falta de acessibilidade na escola e indiferença dos professores em relação a não participação nas atividades.

Cada realidade de trabalho com alunos com deficiência é única. Sendo assim, cada escola irá apresentar uma realidade diferente da outra. Atitudes dos professores juntamente com toda a comunidade escolar podem servir como facilitadores ou não no processo de inclusão.

Diante disso, por mais que os alunos tenham demonstrado certa dificuldade em lembrar das atividades realizadas na Educação Física, o mais importante é perceber que, conforme relatado por eles, todos os alunos do estudo participam das aulas de Educação Física.

3.3 Categoria B: 'Eu gosto de ...'

Nessa categoria, são apresentados aspectos positivos citados pelos alunos, seus gostos e preferências, assim como as facilidades encontradas pelos mesmos no conteúdo das aulas de Educação Física.

Quadro 3 - 'Eu gosto de ...'. Fonte: produzido pelo autor do trabalho.

Perguntas	I - O que mais gosta de fazer? II - O que tem mais facilidades?
Monica	<i>I – “De esporte, de vôlei, eu gosto mais de jogar vôlei na Educação Física”. II – “As mais fácil são as brincadeiras... Pega bandeira .. tem também que a gente corre é bem legal, bem fácil”.</i>
Cebolinha	<i>I – “Olha pra falar a verdade, pra mim não tem um gosto, tipo assim, de coisa preferida sabe tipo, mas eu gosto mais é de jogar handebol, eu gosto mais de jogar handebol que fico no gol”. II – “Eu tenho, tipo mais resistência tipo que meus colegas, tipo faço coisas fora da escola, eu fico a tarde fazendo alguma coisa, eu tenho mais resistência sabe que os colegas, mais fôlego pra fazer certas coisas, eu só não tenho fôlego pra correr, mas tipo, se eu der uma corridinha parar eu aguento bastante sabe”.</i>
Marina	<i>I – “Eu gosto mais daquele macaquinho pular no seu galho que eu gostei muito”. II – “Eu achei ao do macaco pula no seu galho , basquete também , achei mais fácil”.</i>
Magali	<i>I – “Eu gosto de brincar de passar a bola...eu gosto quando colocam bola e quando botam hummm corda”. II – “Eu acho mais fácil passar a bola por cima”.</i>
Rosinha	<i>I – “Quando a gente fica de olho vendado, daí a gente tenta adivinhar quem é”. II – “A de adivinhar é bem fácil...as que eu acho fáceis também a que, do número que a gente vai”.</i>

Percebemos que as preferências dos alunos das series iniciais são as brincadeiras. Isto pode ser explicado, já que é o conteúdo de maior predominância

nesse período. Porém, para os dois alunos dos anos finais do ensino fundamental afirmam que gostam mais de esportes como vôlei e handebol, tendo em vista que já tiveram uma maior variedade de conteúdos (atividades e esportes) de Educação Física.

A preferência por brincadeiras e jogos, relatada pelos alunos, em sua maioria, se explica pelo fato dos mesmos serem dos anos iniciais, uma vez que os conteúdos voltados aos primeiros anos do ensino fundamental são planejados e organizado em brincadeiras e jogos lúdicos. Quando perguntados sobre suas facilidades, as brincadeiras também foram as mais citadas. Com exceção de *Cebolinha* que coloca que sua maior facilidade é a resistência física ⁴.

Estudos de Nacif (2016) com alunos com deficiência apontaram que gostar ou não das aulas de Educação Física é resultado da influência de aspectos como sentir-se excluído nas aulas, assim como da falta de adaptações nas atividades. A participação nas aulas é fundamental para que alunos com deficiência se interessem, e isso depende de o professor oportunizar experiências, assim como estar aberto à inclusão.

Neste ponto, percebe-se pelas afirmações dos alunos que as brincadeiras planejadas pelos professores contribuem para que ocorra a participação de todos, juntamente com os alunos com deficiência. Diehl (2008, p.111) reforça que: “[...] através do jogo, a criança descobre valores, aprende a conviver sem gritar e brigar. Ganha autoestima e confiança, pois se sente capaz de participar. Desenvolve a concentração, a coordenação, e a habilidade motora”.

A partir disto, é importante perceber o quanto tais brincadeiras podem ser relevantes aos alunos, trabalhando o movimento e contribuindo para melhorar o desenvolvimento motor e também as habilidades motoras.

GoTani (1991) coloca que a Educação Física Escolar, particularmente na pré-escola e nos quatro primeiros anos do ensino fundamental, existem dois temas fundamentais para se trabalhar: aprendizagem do movimento e aprendizagem através do movimento, pois a criança utiliza o movimento como meio para aprender sobre aspectos não necessariamente específicos ao próprio movimento.

⁴ Resistência física: pode ser definida como a qualidade física que permite realizar, no maior tempo possível, a repetição de determinado movimento com a mesma eficiência. (PITANGA, 2008)

Portanto, deve se haver uma preocupação no planejamento das brincadeiras e atividades, visando atender aos objetivos planejados e colaborar para o desenvolvimento dos alunos, dado que se encontram numa fase importante do crescimento e desenvolvimento motor. Através de brincadeiras, os alunos podem vivenciar diferentes formas de movimentos e, dessa forma, perceber suas potencialidades.

3.4 Categoria C: 'Eu não gosto ...'

Perguntamos para os alunos nesta categoria, quais conteúdos e atividades eles não gostam de realizar e/ou participar durante as aulas, assim como quais dificuldades são encontradas nas aulas de Educação Física. O objetivo foi entender quais motivos levam ao descontentamento com as atividades e conteúdos.

Quadro 4 – 'Eu não gosto ...'. Fonte: produzido pelo autor do trabalho.

Perguntas	I - O que não gosta de fazer? II - O que tem mais dificuldades?
Monica	<i>I – “Não, não tem!” II – “É quando a gente corre, pega-pega, corrente, é muito difícil correr, fica tudo junto assim é muito difícil ... sinto dificuldade de correr também. Não consigo ver muito de longe”.</i>
Cebolinha	<i>I – “Gosto de qualquer coisa, qualquer coisa que vier, pra mim fazer tá bom’.” II – “Eu tenho mais dificuldade em jogar bola, porque eu não consigo chutar direito ...ahhh jogar bola...acho que só isso. Porque, tipo, futebol eu não me dou muito bem, tipo, não gosto muito também, eu fico mais no gol mesmo por isso”.</i>
Marina	<i>I – “Ai eu não gosto de basquete, mas eu participo”. II – “Uma prova que a gente fez que é uns colegas apertarem a bola até a goleira ... De caminhar de frente e bota a bola no meio e eles tem que caminhar juntos pra bola não cair”.</i>
Magali	<i>I – “iiiiiii...eu não sei, eu gosto de todas as coisas. Não posso nunca correr. Não gosto de correr, não gosto porque eu me machuco. Pega-pega eu não posso, porque eu não posso correr”. II – “Eu acho mais difícil passar a bola por baixo”.</i>
Rosinha	<i>I – “Não”. II – “Eu não gosto das brincadeiras de correr, as brincadeiras de correr, algumas são difíceis algumas são fáceis”.</i>

Quando perguntados do que não gostavam de fazer nas aulas de Educação Física, responderam que não havia algo que não gostassem, com exceção de *Marina* que citou que não gostava de jogar basquete, mas que participa assim mesmo.

No que diz respeito às dificuldades, correr foi citado por quase todos os alunos em função do tipo de deficiência que possuem. Brincadeiras e esportes que envolvem corrida são as maiores dificuldades tanto para os alunos com alguma deficiência física tanto para a aluna com baixa visão. *Cebolinha*, afirma que jogar futebol é sua maior dificuldade, pois correr e ter que chutar é muito difícil. Porém isso não impede sua participação, pois fica como goleiro e dessa forma sua deficiência não impede que realize a aula.

Uma possível explicação para as atividades que os alunos disseram não gostar pode estar relacionada à impossibilidade ou dificuldade para realizá-las. O correr, citado pela maioria dos alunos, está presente em grande parte das brincadeiras e esportes. Assim, o fato deles não conseguirem correr como seus colegas faz com que não gostem de tais atividades, pois expõem sua deficiência e os faz sentirem-se constrangidos.

A esse respeito, é importante a ação do professor de Educação Física, através de estratégias que facilitem a participação dos alunos em atividades mais dinâmicas, em que a corrida está presente. É fundamental o planejamento de meios e formas para que alunos com deficiência possam participar de modo seguro, alcançando os objetivos de tais atividades.

O entendimento por parte de toda turma de que cada um tem sua individualidade, o seu tempo e sua forma de realizar as atividades colabora para a inclusão de todos na aula, assim como a compreensão de que o mais importante é participar, e não ser o melhor.

Falkenback (2007), buscando identificar dificuldades encontradas por alunos com deficiência na prática nas aulas de Educação Física, relata que as modalidades de práticas esportivas no currículo dificultam tal participação, o que pode provocar isolamento e baixa frequência nas aulas. Outro aspecto importante a ser levado em conta é o fato de se tratar de crianças e adolescentes, e que nessa faixa etária as relações sociais com colegas são importantes para eles, pois querem se sentir parte do grupo.

De acordo com Alves (2014), quando se trata da convivência com seus colegas, dois aspectos principais se destacam. Primeiro, no que se refere à aceitação dos colegas, é importante que eles compreendam a deficiência e as dificuldades e facilidades que dela resultam, possibilitando a aceitação pelo grupo sem qualquer tipo

de diferença ou discriminação. O segundo aspecto tem relação com a interação social, consistindo em sentir-se parte da turma, recebendo tratamento semelhante ao dispensado aos colegas, inclusive no que diz respeito às atividades a serem realizadas durante as aulas.

Outro aspecto que a fala dos alunos trouxe foi na relação entre sua participação nas atividades e a timidez, pois se trata de crianças e adolescentes, período em que são mais inibidos, de modo que expor sua deficiência contribui para sua não participação nas aulas.

Como o estudo foi realizado com crianças e adolescentes, deve-se levar em conta a timidez. Nessa faixa de idade, é comum alunos não quererem participar de atividades ou de algo novo por timidez ou vergonha devido à exposição, sendo mais acentuada em algumas crianças e menos em outras. É fundamental que o professor consiga avaliar o comportamento do aluno quando o mesmo não quer participar das atividades, pois isto é uma característica da idade, o que pode ser acentuado pela deficiência, fazendo com que se auto exclua das atividades.

Em relação a timidez de crianças na escola, Gonçalves explica da seguinte forma:

Na fase da infância, as características da timidez são visíveis na escola, desde a Educação Infantil até níveis mais elevados da educação escolar. Uma grande maioria desses alunos tímidos tem falta de coragem de enfrentar as situações desafiadoras, os professores e até os colegas de sala de aula, interferindo, portanto no seu processo de aprendizagem. (GONÇALVEZ, 2015, p.147)

Sendo assim, as principais dificuldades nas aulas de Educação Física para os alunos com deficiência estão relacionadas à prática de atividades em que tenham que correr. Brincadeiras e esportes que exijam um maior esforço físico dos alunos são os maiores obstáculos encontrados por eles. No entanto, deve-se usar estratégias para que os estudantes possam realizar tais atividades, respeitando suas capacidades, tornando a prática prazerosa, ao mesmo tempo que não os exclui das aulas.

3.5 Categoria D: 'Como eles me tratam'

Para essa categoria é identificada a relação com seus colegas, se os mesmos os auxiliam e interagem na realização das atividades durante as aulas de Educação Física. Foi perguntado também, sobre as atividades físicas ou esportivas que realizam fora das aulas de Educação Física.

Quadro 5.- 'Como eles me tratam'. Fonte: produzido pelo autor do trabalho.

Perguntas	I - Seus colegas ajudam nas aulas de Educação Física? II – Realiza alguma atividade física e/ou esportivas fora da escola?
Monica	I – “Alguns ajudam ... nas brincadeiras só que eles ajudam... tipo... se um machuca lá eles ajudam” II – “Não”
Cebolinha	I – “Ninguém, tipo.... Eles me tratam como se eu fosse eu pessoa normal. ” II – “Terça, quinta e sexta de tarde eu faço academia e segunda, quarta e sábado eu faço kickibox, segunda e quarta de noite e sábado de tarde”
Marina	I – “ Só uma, que ela me adora, que o nome dela é Luci. Só tem uns que não gostam de mim. ” II – “ahhh a piscina. Às vezes quando eu posso mergulhar eu mergulho, daí quando eu já aprendi bater as pernas pra cima e pra baixo eu já to batendo. ”
Magali	I – “Huum só algumas ...A Sofia” II – “Não”
Rosinha	I – “ Não, as vezes sim, alguns sim Ahhh vezes, as vezes quando a gente tem que fazer grupo daí, daí eles só ficam do meu lado, só que eles têm que assegurar no andador... porque as vezes eles correm né, dai podem me derrubar. ” II – “ Não. ”

No que diz respeito à relação com os colegas, os alunos revelam que há uma boa relação entre eles nas aulas, e que alguns colegas os auxiliam, principalmente aqueles mais próximos e com quem mantêm amizades. Já os alunos que não recebem nenhum tipo de auxílio demonstram-se satisfeitos pelo fato de sentirem iguais a todos os outros colegas. As alunas *Marina* e *Magali* colocam que recebem ajuda de suas colegas e também amigas.

É interessante pensar nesse recurso, em que os próprios colegas da turma podem auxiliar e dar suporte durante a realização de uma atividade na aula de Educação Física. Através dessa estratégia, todos os alunos podem aprender e respeitar os colegas, não apenas os que apresentam alguma deficiência, mas também os demais, compreendendo que a inclusão não se trata apenas de pessoas com deficiência, colaborando assim para a participação de todos, sem exclusão, e promovendo um espaço de aprendizagem, respeito e cooperação.

Nesse contexto, salienta-se que: “O comportamento dos colegas e professores pode-se apresentar como facilitador ou barreira à participação. Atitudes que demonstram incentivo, amizade, disponibilização de auxílio e adaptação das atividades encorajaram a participação” (FIGUEIREDO, 2018, p.809).

A respeito das atividades físicas e/ou esportivas, quando perguntados se realizam alguma, além das aulas de Educação Física, a maioria não realiza nenhum tipo de atividade física ou esportiva além das aulas. *Marina* participa de um projeto de

atividades aquáticas de uma universidade local. O aluno mais ativo fora do contexto da escola é *Cebolinha*, que faz academia e artes marciais.

Para os alunos participantes do estudo, com exceção de dois, a Educação Física escolar é o único momento que eles têm para desenvolver atividades físicas e esportivas. Reforça-se assim, a importância de aulas de Educação Física, pois a maioria dos alunos não frequenta locais para práticas esportivas, jogos ou brincadeiras, pela falta de opções, muitas vezes caros para acessar.

Bailey (2006 *apud* FIGUEIREDO, 2018) reforça a importância das aulas de Educação Física. “Além dos benefícios físicos, essa disciplina tem papel importante na formação dos indivíduos ao oportunizar o desenvolvimento de habilidades sociais, como negociações interpessoais com pares, auto expressão, respeito e valorização do próximo”.

3.6 Categoria E: ‘Querida que tivesse’

Por fim, apresentamos as perspectivas e desejos para as aulas de Educação Física a partir dos interesses dos alunos, procurando descobrir de que forma as aulas podem se tornar mais atrativas.

Quadro 6 – ‘Querida que tivesse’. Fonte: produzido pelo autor do trabalho.

(Continua)

Perguntas	I - Como você se sentiu nas aulas de Educação Física? II - Como gostaria que fosse as aulas de Educação Física?
Monica	I – “Me sinto bem Me sinto feliz, quando faço os exercícios me sinto mais forte. ” II – “ Querida que tivesse bastante atividades diferentes, tivesse um campo...teria mais espaço, pra todo mundo. ”
Cebolinha	I – “Normal, me sinto normal em fazer as aulas, tipo, não sinto nada de diferente em fazer... Não. Só, tipo, eu não gosto de vir para escola de calça curta, só isso, nem ferrando eu não gosto de vir pra escola de calça curta... eu não gosto por causa disso...a minha perna tipo ela é meio torta... eu peguei trauma na infância por causa disso entendeu... eu literalmente eu sofria bullying por causa das minhas pernas. II – “Não, assim que ela tá, tá bom... Não eu não gosto, tipo, na minha opinião eu não gosto dessas coisas de adaptar coisas para pessoas, tipo, no meu caso eu não gosto que adapta nada pra mim, eu que quero, eu que quero que quero... tento me adaptar a essa coisa, sabe. Não gosto que adapte uma coisa pra mim, eu quero me adaptar a essa coisa Sabe”

(Continuação)

Marina	I – “Eu fico mais alegre quando eu to junto com meus colegas. ” II – “Eu achava que podia ter bambolê, ahhh esse macaco ... esse macaco no seu galho, que eu gostei muito, e só.
--------	---

Magali	<i>I – “São muito legais. Eu gosto de brincar com a minha amiga Maria e com minha amiga Agatha” II – “ Eu gosto de ...eu gosto quando colocam bola e quando botam... hummm... corda...eu gosto de pular corda. ”</i>
Rosinha	<i>I –“ Eu me sinto ...feliz por causa que tem bastante brincadeira legal ...converso. ” II – “Um Pouco menos de correria, de novo a brincadeira da baleia fora d’água, uns de tipo também de ovo choco, as vezes a gente não faz ovo choco, quase não, sempre a gente não faz o ovo choco”</i>

Sentimentos como felicidade e alegria são os que mais surgiram nas respostas dos alunos para definir as aulas de Educação Física. As brincadeiras, assim como seus colegas e amigos são os elementos que fazem com que se sintam bem, segundo os alunos. As aulas de Educação Física promovem essa sensação de bem-estar.

É evidenciado esse fato durante a fala dos estudantes, em que todos afirmam sentirem-se felizes e alegres. Criar um ambiente onde os alunos com deficiência sintam que fazem parte da turma, e que não são meros espectadores favorece a aprendizagem, estimulando a autonomia e o crescimento dos alunos como indivíduos.

A respeito de como os alunos imaginam uma aula de Educação Física, surgiram diferentes respostas. Destacamos a fala de *Monica*, em que cita os espaços físicos, afirmando que: “Se tivesse um campo, teria mais espaço, pra todo mundo”. Conforme Palma (2010 p.310), “[...] espaços físicos acessíveis na escola para alunos com deficiência nas aulas de Educação Física colaboram para o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social do aluno”. Pensar em espaços adequados também é pensar em inclusão, pois constrói possibilidades para que alunos com algum tipo de deficiência participem das aulas.

As alunas *Marina e Magali*, dos anos iniciais, citaram o uso de materiais como: corda, bambolês e bola. Esse tipo de material possibilita a realização de inúmeras atividades, sendo de fácil adaptação para alunos com deficiência, pois as regras para jogos e brincadeiras podem ser facilmente mudadas, contribuindo para a participação de todos.

Além disso, existe a possibilidade de criação de materiais, os quais poderão ser usados tanto para alunos com deficiência quanto sem. Souza (2017. p. 104) acrescenta:

Apesar de existir uma grande variedade de materiais, os professores também podem criar e confeccionar outros, inclusive com a ajuda das próprias crianças. O material reciclado (rolhas, caixas de fósforos, potinhos de plástico etc.),

poderão ser utilizados na execução de jogos ou brinquedos, que irão enriquecer o desenvolvimento das atividades escolares.

Sobre os materiais para aula de Educação Física, Munster (2013, p. 30) afirma que “[...] as adaptações no equipamento são ajustes e modificações realizadas nos equipamentos convencionais ou originais para torna-los adaptados às necessidades do indivíduo, assegurando-lhe, assim, um melhor desempenho na atividade proposta”.

Outro momento que se destaca nas entrevistas, é quando *Cebolinha* afirma que não necessita que sejam feitas adaptações para sua participação nas aulas em função de sua deficiência. Para Nacif (2016), as adaptações devem ser feitas respeitando todos os alunos envolvidos, tendo em vista alcançar os objetivos do professor, bem como a participação dos alunos com deficiência nas atividades desenvolvidas juntamente com seus colegas.

Da mesma forma, segundo Seabra Jr (2008), devemos considerar, quando necessário, adaptações e adequações de estratégias e recursos pedagógicos no ensino de habilidades motoras. Sendo assim, o professor de Educação Física deve ter conhecimento das capacidades, limitações, necessidades e cuidados na segurança do aluno com deficiências nas atividades planejadas.

Para Munster (2013) adaptações de atividades nas aulas de Educação Física não devem ser feitas de forma improvisada ou com precarização. Para isso, deve ser realizada uma análise da situação exclusivamente para cada aluno com deficiência e para cada turma. Além disso, são necessários, estudos e o conhecimento acerca das necessidades e potencialidades de cada indivíduo e, por fim, planejamento e organização antecipada das estratégias de ensino e escolha dos recursos a serem utilizados.

Sendo assim, é importante pensar na relação entre a fala do *Cebolinha* e dos autores, pois quando o aluno coloca que prefere que não sejam feitas adaptações nas aulas por sua deficiência, deve haver a sensibilidade por parte dos professores em perceber as capacidades que o aluno tem em executar uma tarefa, para que ele possa realiza-la junto dos demais. Os autores referidos anteriormente destacam que adaptações deverão ser feitas quando necessário e não em todas as atividades, pois dessa forma não expõem os alunos com deficiência.

Além disso, outro ponto interessante que surgiu durante as entrevistas, foi a respeito do *bullying* que o aluno *Cebolinha* menciona ter sofrido quando usava calça

curta⁵. Em suas palavras: “Eu não gosto por causa disso...a minha perna, tipo ela é meio torta... eu peguei trauma na infância por causa disso entendeu”. O *bullyng* é um tema que deve ser conversado e trabalhado nas aulas de Educação Física, sendo apresentado e discutido como um tema transversal. Problematizar assuntos como o corpo, suas diferentes formas, padrões corporais e estéticos – temas que trazem sempre tantas dúvidas e preconceitos entre os jovens – também colabora para o processo de inclusão.

Em resumo, as expectativas de melhorias nas aulas de Educação Física apontadas pelos alunos com deficiência são a necessidade de espaços físicos maiores e mais adequados, assim como maior número e diversidade de materiais para as aulas. Dessa forma, é preciso pensar e criar espaços adequados para a prática das aulas de Educação Física, capazes de receber todo e qualquer aluno, independentemente de sua condição ou deficiência.

Locais abertos com grande luminosidade também podem ser uma barreira para alunos com baixa visão, por exemplo. Acessos para a quadra e demais espaços utilizados para as aulas devem ter acessibilidade, com rampas e calçadas apropriadas, assim como banheiros acessíveis aos alunos com deficiência.

Também é importante ter à disposição uma variedade de materiais, que possibilitem ao professor, quando necessário, realizar adaptações nas atividades, proporcionando assim aos alunos, uma grande diversidade de atividades para contribuir no aprendizado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou verificar a percepção de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física e a inclusão quanto a sua participação nas mesmas. Na entrevista com os alunos, verificou-se que todos participam das aulas de Educação Física, assim

⁵ Calça curta, sinônimo de bermuda ou short.

como de todas as atividades propostas. As atividades que mais aparecem são as brincadeiras, no caso nos anos iniciais. Já para os anos finais estão presentes as brincadeiras e também esportes coletivos tradicionais como, futebol, basquete, voleibol e handebol.

No que se refere às facilidades, os alunos responderam que as brincadeiras são as mais fáceis e as atividades que mais gostam de realizar nas aulas. Já entre as dificuldades está correr, assim como outras atividades mais dinâmicas, que exijam a corrida. No entanto, não era algo que eles não gostavam, já que todos responderam que não havia algo que não gostassem de fazer durante as aulas.

No que diz respeito às relações pessoais com seus colegas, os alunos responderam que existe uma boa relação com todos, principalmente com aqueles com os quais mantêm amizades, pois os ajudam nas atividades durante as aulas. Quanto às perspectivas dos alunos em relação as aulas de Educação Física, os mesmos gostariam que houvesse espaços maiores e mais adequados, e também um maior número e diversidade de materiais para a realização de brincadeiras.

Portanto, ao final do estudo, verificou-se que todos alunos participam das aulas de Educação Física, demonstrando suas facilidades e dificuldades assim como seus demais colegas, independentemente de ter alguma deficiência ou não. Através de suas falas, percebeu-se o quanto a Educação Física se mostra importante e prazerosa. Por isso, o papel do professor torna-se tão importante, pois a sua ação pode fazer a diferença no aprendizado de seus alunos.

Dessa forma, é importante pensar a aula para todos, com adaptações para alunos com deficiência sendo feitas quando necessário, mas sem prejudicar o restante da turma, visto que aula é organizada para todos e não somente para um aluno.

Estudos sobre o processo de inclusão na escola provocam sempre grandes mudanças em quem se propõem a este desafio. É preciso introduzir-se na realidade desses alunos para somente assim atingir a sensibilidade necessária ao ato de observar, percebendo os desafios que precisam ser superados. Da mesma forma, permite promover mudanças reais no processo de inclusão na escola, indo além da simples adaptação dos espaços físicos e das atividades, e

entender quais são as necessidades de cada aluno, quais as suas potencialidades que podem e devem ser exploradas, e quando é necessário que

sejam feitas mudanças e adaptações, de forma individual, pois para cada aluno deve ser visto de forma única, buscando-se a compatibilidade com o objetivo que se deseja alcançar.

Este estudo busca mostrar que o processo de inclusão é para todos, com ou sem deficiência dentro da escola. Espera-se que a aula de Educação Física seja um espaço de aprendizagem e desenvolvimento, e que os alunos que possuem alguma deficiência sejam colocados não apenas como espectadores, mas que se sintam parte do grupo e que suas vozes sejam ouvidas.

Contudo, é uma grande satisfação perceber que aula de Educação Física, que no passado foi tão excludente e segregadora, hoje mostra um novo caminho, com a inclusão de alunos com deficiência nas aulas, aprendendo, construindo e desenvolvendo, o que somente é possível quando não excluimos ninguém e respeitamos a todos. São por fatores como estes que são tão importantes os estudos mostrando a inclusão em sua totalidade nas escolas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR J. S.; DUARTE É. **Educação inclusiva: um estudo na área da Educação Física**. Rev. Bras. Ed. Esp. Mai.-Ago. 2005, v.11, n.2, p.223-240. SP p. 228

ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. **A exclusão nas aulas de Educação Física: fatores associados com participação de alunos com deficiência.** Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 117137, jan./mar. 2013.

ALVES. M. L. T, DUARTE. **A percepção dos alunos com deficiência sobre a sua inclusão nas aulas de Educação Física escolar: um estudo de caso.** Rev. Bras. Ed. Fís. Esporte, SP, pág. 334, 2014

ALVES. M. L. T, STORCH. J, HARNISCH. G; STRAPASSON A.M. Almeida J. DUARTE E. **A pesquisa em atividade física adaptada** Pensar a Prática, Goiânia, v. 20, n. 1, jan./mar. 2017

BARTHOLO, M.F. **A construção do conhecimento e o projeto político-pedagógico da educação física.** Pensar a Prática, Goiânia. V.3, p.62-63, 2000.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional.** Brasília: MEC, 1996.

BRASIL, **Lei 13.146**, de 6 de julho de 2015. Brasília. 2015

CIDADE, Ruth E., FREITAS, Patrícia S. **Educação Física e inclusão: considerações para a prática pedagógica na escola.** Revista Eletrônica Sobama. 2002. Disponível: < <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/inclusao.pdf> >. Acesso em 21 de março de 2018.

DIEHL. R. M; **Jogando com as diferenças. Jogos para crianças e jovens com deficiência.** 2º Edição. Phorte editora. Pág: 37 – 38, São Paulo, 2008

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, Salamanca-Espanha. 1994

FALKENBACH A. P; CHAVES F. E; NUNES D.P; NASCIMENTO V.F. **A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física na educação infantil.** Porto Alegre, v.13, n. 02, p.45. 2007.

FIGUEIREDO.P.R.P; MANCINI. M.C; BRANDÃO. M.B; “ Vai jogar? Fatores que influenciam a participação de adolescentes com paralisia cerebral na Educação Física Escolar. Porto Alegre, R. Movimento., v.24, 2018

FIORINI, Maria Luiza Salzani. **Concepção do professor de educação física sobre a inclusão do aluno com deficiência** 143 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2011.

FREITAS. S.N; RODRIGUES. D; KREBS.R. **Educação inclusiva e necessidades educacionais especiais**. Santa Maria. Ed. UFSM. Pág.: 49, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES J. P. Sestari L. **A Timidez Segundo a Perspectiva dos Alunos de Educação de Jovens e Adultos**. InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, 2015.

GO TANI. **Perspectivas para a educação física escolar**. Ver. paul. Ed. Fís. SP, pag: 66,1991

NACIF, M. F. P. et al. **Educação Física Escolar: Percepções do aluno com deficiência**. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 22, n. 1, p.119 – 121, jan./ mar. 2016.

MINAYO. Maria. C.S. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. In: DESLANDES. S.F; GOMES. Romeu. São Paulo. Editora Vozes Limitada. 2011. 25ª edição. p. 21.

MUNSTER, M. A. **Inclusão de estudantes com deficiências em programas de educação física: adaptações curriculares e metodológicas**. Revista da Sobama, Marília, v. 14, n. 2, p. 27-34. Jul./Dez 2013. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/sobama/article/view/3612>>. Acesso em 04 abr. 2018.

PALMA. L.E; WOLKER. M. S. **Alunos com deficiência física: a compreensão dos professores de Educação Física sobre a acessibilidade nos espaços de prática para as aulas**. RS. Educação. Revista do Centro de Educação. Vol. 35, núm. 2, pág. 310, 2010

PEDRINELLI, V.J. VERENGUER. R. C, **Atividade física adaptada. Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. GREGUOL. M, COSTA. R.F. SP. Manole, 3ªed, pag.:4. 2013

PITANGA, Francisco J.G; **Testes, medidas e avaliação em educação física e esportes.** SP. 2008

RODRIGUES, David. **A educação física perante a educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas.** Publicado no boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física, 24/25, p. 73-81. Disponível em: < <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/inicio.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2005.

SANCHES. I. **Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-acção à educação inclusiva** Revista Lusófona de Educação, p.32, 2005.

SASSAKI. Romeu. K. **Inclusão, construindo uma sociedade para todos.** RJ. WVA. Pag: 127. 1997

SEABRA JÚNIOR, Manoel Osmar. **Estratégias de ensino e recursos pedagógicos para o ensino do aluno com deficiência visual na atividade física adaptada.** 2008. 2 v. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2008.

SOUZA. D.B. **Acessibilidade e inclusão escolar de alunos com deficiência e/ou mobilidade reduzida na escola pública.** Dissertação (Mestrado). Em Educação. Universidade Federal do Amazonas. 2017.

VITTA. F.C.F; VITTA. A. MONTEIRO. A.S.R. **Percepção de professores de educação infantil sobre a inclusão da criança com deficiência.** . Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.16, n.3, p.420, Dez.2010.

ANEXO A - INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE MÉTODOS E TÉCNICAS DESPORTIVAS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA.

Baseado em Gil (1999)

1. Você participa das aulas de Educação Física?
2. Por que não? (Caso necessário).
3. Você participa de todas as atividades?
4. Quais são as atividades que você realiza nas aulas de Educação Física?
5. Poderia explicar/descrever como é sua participação nas aulas de Educação Física?
6. O que você mais gosta de fazer nas aulas de Educação Física? Por quê?
7. Existe alguma atividade nas aulas de Educação Física que você não gosta de fazer? Por quê?
8. Seus colegas ajudam você nas atividades? Como?
9. Quais são as atividades que você tem mais facilidades?
10. Quais atividades você tem mais dificuldade?
11. Como você se sente nas aulas de Educação Física?
12. Participa de alguma atividade física desportiva além das aulas de Educação Física da sua escola?